
CASTANHA-DO-BRASIL: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E MUDANÇAS AMBIENTAIS NUMA COMUNIDADE TRADICIONAL AMAZÔNICA BRASILEIRA

BRAZIL NUT: SOCIOCULTURAL PRACTICES AND ENVIRONMENTAL CHANGES IN A TRADITIONAL BRAZILIAN AMAZONIAN COMMUNITY

CASTAÑA DE BRASIL: PRÁCTICAS SOCIOCULTURALES Y CAMBIOS AMBIENTALES EN UNA COMUNIDAD TRADICIONAL AMAZÓNICA BRASILEÑA

Arlene Oliveira Souza¹

<https://orcid.org/0000-0002-5483-3329>
<http://lattes.cnpq.br/2730066120809853>

Alessandra Rufino Santos²

<https://orcid.org/0000-0002-8326-3492>
<http://lattes.cnpq.br/4113739279588483>

Sergio de Faria Lopes³

<https://orcid.org/0000-0001-6472-6765>
<http://lattes.cnpq.br/7106113858621739>

Hélio José Souza Araújo⁴

<https://orcid.org/0009-0008-9158-1467>
<http://lattes.cnpq.br/9576631229769617>

Tathyna Rodrigues Soares⁵

<https://orcid.org/0009-0004-0020-8191>
<http://lattes.cnpq.br/3629916149777386>

RESUMO: As sementes da espécie *Bertholletia excelsa Bonpl.* estão presentes no cotidiano de muitas populações tradicionais e indígenas amazônicas, que coletam essas sementes na natureza de forma sustentável para comercialização e

¹ Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia, docente da Universidade Federal de Roraima-UFRR. E-mail: arlene.oliveira@ufrr.br.

² Doutorado em Sociologia, docente da Universidade Federal de Roraima-UFRR. E-mail: alessandra.santos@ufrr.br.

³ Doutorado em Ecologia e Conservação, docente da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. E-mail: defarialopes@gmail.com.

⁴ Mestrando em Ciências Ambientais (Recursos Naturais) na Universidade Federal de Roraima-UFRR. E-mail: heliojose@hotmail.com.

⁵ Mestranda no Programa de Pós-graduação Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI) na Universidade Federal de Roraima-UFRR. E-mail: tathynasoares@gmail.com.

alimentação. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo revelar práticas sociais e culturais do extrativismo desta espécie, bem como analisar a percepção de extrativistas sobre as mudanças ambientais no extremo Norte do Brasil. O estudo considerou informações dos relatos de 13 extrativistas dos gêneros masculino e feminino, compartilhadas durante entrevistas semiestruturadas e conversas informais, com o recorte temporal correspondente à década de 1980, que marcou o início da atividade extrativista da maioria dos entrevistados. A atividade extrativista é anual e constitui-se em fonte de renda complementar da(s) comunidade(s). Essa característica reforça que as áreas florestais são espaços sociais que proporcionam recursos alimentícios com valor econômico para a comunidade de agricultores/extrativistas. Contudo, o afastamento da mata das vicinais, locais de moradia citados pelos interlocutores, suscitou adaptações destes à nova realidade. As práticas socioculturais têm sido alteradas em razão da devastação ambiental, por meio da introdução de veículos motorizados para o transporte da castanha, além da dinâmica de trabalho nas áreas de mata com a presença de toda a família, o que não ocorre mais. Ademais, foi constatado que o envelhecimento, a variação na produtividade e as outras oportunidades de ganhos financeiros levam à desistência do extrativismo e às perdas culturais, especialmente pelo avanço do desmatamento nos ambientes de florestas nativas, decorrente de atividades agropecuárias com prejuízos para a produção da castanha.

Palavras-Chave: Extrativismo, Populações Tradicionais, Amazônia Ocidental, Brasil.

ABSTRACT: The seeds of the species *Bertholletia excelsa* Bonpl. are present in the daily lives of many traditional and indigenous Amazonian populations, who collect them from the wild in a sustainable manner for commercialization and consumption. Accordingly, this research aims to reveal the social and cultural practices associated with the extractivism of this species, as well as to analyze extractivists' perceptions of environmental changes in the extreme north of Brazil. The study considered information from the accounts of 13 extractivists, both male and female, shared during semi-structured interviews and informal conversations, with a temporal focus on the 1980s, a period that marked the beginning of extractivist activities for most participants. Extractivism is an annual activity and constitutes a complementary source of income for the community(ies). This characteristic underscores that forest areas function as social spaces that provide food resources with economic value for communities of farmers and extractivists. However, the increasing distance of the forest from the local roads, where the participants reside, has required adaptations to this new reality. Sociocultural practices have been altered due to environmental degradation, including the introduction of motorized vehicles for transporting Brazil nuts and changes in labor dynamics within forest areas, which previously involved the participation of the entire family, but no longer do. Furthermore, it was observed that aging, fluctuations in productivity, and other financial opportunities have led to the abandonment of extractivism and to cultural losses, particularly due to the advance of deforestation in native forest environments, resulting from agricultural and livestock activities that negatively affect Brazil nut production.

Keywords: Extractivism, Traditional Populations, Western Amazon.

RESUMEN: Las semillas de la especie *Bertholletia excelsa* Bonpl. están presentes en la vida cotidiana de muchas poblaciones tradicionales e indígenas amazónicas, que recolectan dichas semillas en la naturaleza de manera sostenible para su comercialización y alimentación. En este sentido, esta investigación tiene como objetivo revelar las prácticas sociales y culturales del extractivismo de esta especie, así como analizar la percepción de los extractivistas sobre los cambios ambientales en el extremo norte de Brasil. El estudio consideró información proveniente de los relatos de 13 extractivistas de ambos géneros, compartida durante entrevistas semiestructuradas y conversaciones informales, con un recorte temporal correspondiente a la década de 1980, que marcó el inicio de la actividad extractivista de la mayoría de los entrevistados. La actividad extractivista es anual y constituye una fuente de ingresos complementaria para la(s) comunidad(es). Esta característica refuerza que las áreas forestales son espacios sociales que proporcionan recursos alimenticios con valor económico para la comunidad de agricultores/extractivistas. Sin embargo, el alejamiento del bosque respecto a las carreteras secundarias, lugares de residencia mencionados por los interlocutores, suscitó adaptaciones a la nueva realidad. Las prácticas socioculturales han sido modificadas debido a la devastación ambiental, a través de la introducción de vehículos motorizados para el transporte de la castaña, además de la transformación en la dinámica de trabajo en las áreas de bosque, donde antes participaba toda la familia, lo cual ya no ocurre. Asimismo, se constató que el envejecimiento, la variación en la productividad y otras oportunidades de ingresos económicos conducen al abandono del extractivismo y a la pérdida cultural, especialmente por el avance de la deforestación en los entornos de bosques nativos, consecuencia de actividades agropecuarias que perjudican la producción de la castaña.

Palabras clave: Extractivismo, Poblaciones Tradicionales, Amazonía Occidental

INTRODUÇÃO

O extrativismo de recursos florestais é uma prática predominante entre povos amazônicos, os quais foram constituídos, historicamente, em decorrência dos conhecimentos sobre tais recursos e das experiências nos ambientes de florestas. A execução dessa atividade os autodenomina em grupos específicos, isto é, seringueiros, açaizeiros, babaqueiros, cacaueiros e castanheiros, dentre outros (Cunha; Almeida, 2000).

Ao direcionarmos a pesquisa para o âmbito das práticas sociais e culturais do extrativismo da castanha-do-Brasil, destacamos que as sementes da espécie *Bertholletia excelsa* Bonpl., coletadas na natureza por extrativistas florestais em toda a bacia Amazônica (Guariguata et al, 2017), são as únicas comercializadas globalmente. De tal modo, esse

produto florestal não madeireiro (PFNM) se faz presente no cotidiano das comunidades tradicionais amazônicas, a exemplo de agricultores/extrativistas e de ribeirinhos.

Ademais, ressalta-se que a exploração de castanha tem baixo impacto ambiental, fato que foi comprovado no estudo de Ribeiro *et al.* (2014) com o povo indígena Kayapó, do Sudeste da Amazônia, que faz a colheita de sementes da *B. excelsa* em baixa intensidade, contribuindo para a conservação da floresta e para a manutenção desta espécie. Portanto, o extrativismo de castanha é considerado uma atividade socioeconômica sustentável que proporciona renda e alimento aos povos indígenas e tradicionais, os quais, ao realizá-la, conservam extensões florestais significativas (Zuidema; Boot, 2002).

É importante lembrar que as práticas de uso e de manejo de recursos naturais estão intimamente ligadas à concepção de natureza, pois dela depende a reprodução dos modos de vida característicos desses povos. Em relação ao aspecto econômico, a castanha-do-Brasil é considerada um produto florestal não madeireiro representativo e, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, teve uma produção correspondente a 32.905 toneladas nos estados amazônicos (IBGE, 2019). Ainda assim, o que se observa é o aumento significativo da devastação de áreas florestais nativas na Amazônia, prejudicando as atividades de extrativismo.

Além da importância econômica, as sementes de *B. excelsa* representam um produto florestal com valores ambientais e socioculturais para os povos amazônicos, cuja produção está sendo ameaçada por pressões de outras atividades econômicas na região.

Por esse motivo, consideramos a discussão proposta neste estudo, que abrange enfoques relacionados ao meio ambiente, à sociedade e à cultura como contribuição imprescindível para dar visibilidade à realidade de comunidades tradicionais amazônicas que desenvolvem extrativismo de castanha e que, desse modo, contribuem para a conservação ambiental.

Diante disso, para compreensão do problema desta pesquisa, consideramos as premissas de Toledo (2015) de que, na dimensão histórica, o conhecimento de um informante inclui a síntese de três vertentes: i) a experiência, historicamente, acumulada é transmitida, através de gerações, por uma cultura rural determinada; ii) a experiência é socialmente compartilhada pelos membros de uma mesma geração (ou de um mesmo tempo geracional); e iii) a experiência pessoal e particular do agricultor e de sua família, adquirida pela repetição do ciclo produtivo (anual), é gradativamente enriquecida por variações, eventos imprevistos e surpresas diversas.

Essa perspectiva analítica dialoga com a definição de práticas sociais de Bourdieu (2009, p.135), que as caracteriza como “aptidões sociais, variáveis no tempo e no espaço, transferíveis, não estáticas, no interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamentam distintos estilos de vida”. Para esse autor, essas práticas podem ser duráveis, dinâmicas, socialmente construídas e “corroídas, contrariadas, ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas”.

A partir do exposto, a proposição *Bourdiesiana* ajuda na compreensão de certos sentidos das práticas sociais e culturais dos agricultores/extrativistas. É no domínio dessas práticas que é acionado o esquema perceptivo, responsável por orientar as ações e as representações desses agentes “sobre as estruturas objetivas e sobre a sua posição e de outros agentes no espaço de um campo determinado” (Marteleto, 2017, p.42).

Na região Sul do estado de Roraima, os projetos de assentamento, juntamente com as estradas e as vicinais, foram considerados como os principais vetores de desmatamento, tendo em vista a exploração madeireira predatória e as novas ocupações de terras, tanto por pequenos como grandes proprietários, o que agrava também os problemas ambientais pelo aumento da densidade populacional (Barni et al., 2012). Nessa região, os PFNM, a exemplo da castanha-do-Brasil, têm importância social e econômica para agricultores extrativistas de Roraima.

Em face da proeminência da questão ambiental, observam-se alguns avanços fortemente influenciados pela divulgação de índices de desmatamento na Amazônia brasileira. Em virtude disso, a proteção ambiental das áreas florestais tem sido alvo de constantes discussões e, em quase todas elas, o papel dos povos tradicionais e indígenas na conservação de recursos e de ecossistemas naturais tem sido exaltado como forma de defesa da biodiversidade, além de contribuir na manutenção dos serviços ecossistêmicos (Brasil, 2000).

Considerando esse cenário, o presente estudo visa compreender as práticas socioculturais do extrativismo de *B. excelsa* no município de Caroebe, localizado no estado de Roraima, propondo uma relação com as mudanças ambientais ocorridas no extremo Norte do Brasil. Partindo dessa perspectiva, no decorrer da análise dos dados, considerou-se a atividade extrativista nas interfaces das abordagens etnoecológicas e Bourdiesiana, precisamente no seu conceito elementar, o *habitus*. Levando em conta esse pressuposto, tomamos como referência o princípio do *habitus* de agentes sociais em ações dentro dos diversos campos que constituem a esfera social (Freitas, 2012).

Com essa ideia, procuramos estabelecer a argumentação a partir do cenário local descrito nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, que são os agricultores/extrativistas caroebenses, com a finalidade de alcançar as especificidades deste grupo social.

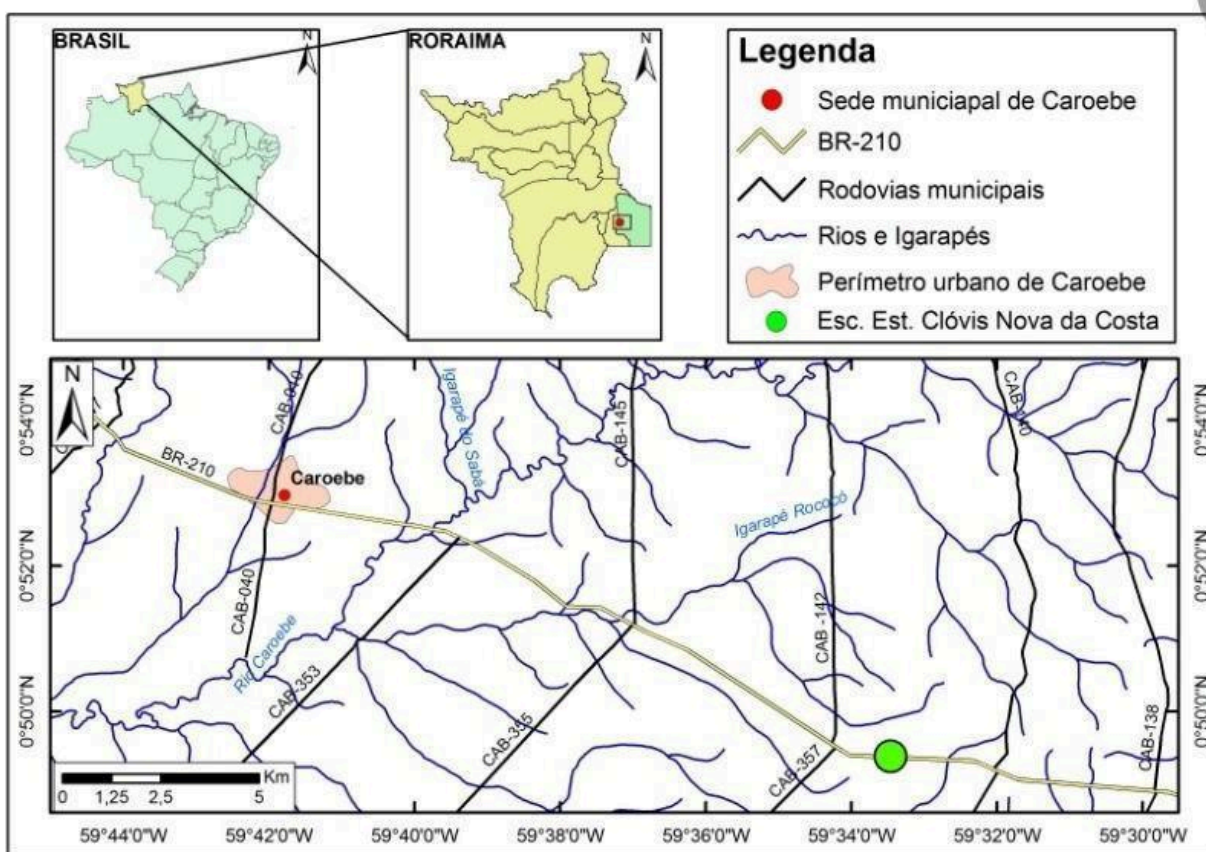
O objetivo da pesquisa é revelar práticas sociais e culturais do extrativismo desta espécie, bem como analisar a percepção de extrativistas sobre as mudanças ambientais no extremo Norte do país. Assim, buscamos respostas para os questionamentos centrais desta pesquisa: O que a experiência de extrativistas revela sobre as práticas socioculturais inerentes à atividade? Como os extrativistas percebem mudanças ambientais locais, especificamente em relação ao extrativismo da castanha-do-Brasil?

METODOLOGIA

Área de Estudo

O estudo foi conduzido no município de Caroebe, que está situado na zona rural do estado de Roraima, região Norte do Brasil (figura 1). O acesso à localidade se dá pela BR-174, saindo da capital Boa Vista. Para chegar ao local, é necessário percorrer uma distância a de 353 km, indo na direção Sul do Estado.

Figura 01 – Mapa do estado de Roraima, com destaque para o município de Caroebe.



Fonte: Boto (2017)

Os povoados e as vilas deram início à maioria dos atuais municípios da região Sul durante a década de 1970 (Santos, 2010). Segundo a autora, citando registros do Atlas do Território Federal do Rio Branco de 1981, os migrantes trazidos para essas colônias eram originários, sobretudo, do Nordeste do Brasil, principalmente do estado do Maranhão.

Para esses migrantes, a terra era base do trabalho familiar, a partir da exploração de pequenos lotes no sistema de roças. Eles passaram a exercer a prática de uma agricultura de subsistência, cuja base era de culturas alimentares de ciclo curto. Os principais produtos que movimentam a economia local atualmente são banana, cacau e castanha do Brasil.

Coleta e análise dos dados

A coleta de dados de campo ocorreu no período de março de 2021 a março de 2022 e consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com moradores locais, combinadas com diário de campo e observação participante. As entrevistas seguiram um roteiro, contendo questões voltadas para a identificação de aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais relacionados ao extrativismo de castanha. Empregou-se, também, a

pesquisa bibliográfica, documental e a perspectiva diacrônica, a fim de investigar, nas narrativas dos interlocutores sobre a vida cotidiana, eventos do tempo passado para entendimento do presente, em especial sobre alterações na dinâmica da atividade extrativista de castanha.

Todos os interlocutores foram entrevistados individualmente em suas residências, situadas em vicinais na zona rural de Caroebe (figura 2). O impasse quanto à aproximação do objeto de estudo no período da pandemia de Covid-19 foi solucionado com a colaboração da egressa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima-UFRR, moradora do município, que seguiu todas medidas de segurança recomendadas para evitar a transmissão do vírus durante as entrevistas.

Aprofundar a discussão por meio do registro das memórias individuais dos moradores teve como propósito resgatar as práticas socioculturais na conjuntura local, considerando desde a década de 1980 até o tempo presente. Nesse processo, não foi desconsiderado o papel da castanha para o grupo social, principalmente como fim comercial ou como mediador de relações humanas que molda as práticas sociais. Para participação no estudo, levou-se em conta o tempo de moradia na localidade e a experiência no trabalho.

Figura 2 – Registro do momento de realização de entrevista.



Fonte: Soares (2021).

As análises dos dados foram realizadas por meio do auxílio do software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ). O software tem como principal objetivo analisar a estrutura e a organização do discurso, possibilitando informar as relações entre os mundos lexicais, que são mais frequentemente enunciados pelos participantes da pesquisa (Camargo; Justo, 2013): 1) Nuvem de Palavras, a fim de agrupar as palavras e organizá-las graficamente em função da sua relevância, sendo as maiores aquelas que possuíam maior frequência, considerando palavras com frequência igual ou superior a 30; 2) Análise de Similitude, que possibilita identificar as ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, facilitando a compreensão do corpus textual analisado; e 3) Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que permite o reconhecimento do dendrograma com classes emergentes, no qual quanto maior o χ^2 , mais associada está a palavra com a classe, e desconsiderando as palavras com $\chi^2 < 3,84$ ($p < 0,05$).

Aspectos éticos

Este estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Roraima (CAAE: 42569321.3.0000.5302). Aqueles que concordaram em participar foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme é recomendado pela legislação brasileira em vigor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os extrativistas são moradores locais, que nasceram em Caroebe ou que migraram de lugares distintos do país para a região. Dentre os interlocutores, foram identificadas pessoas dos estados de Maranhão (7), Pará (3) e Mato-Grosso (1), além de nascidos em Roraima (2). Durante a pesquisa de campo, foi comprovada a presença de imigrantes venezuelanos no trabalho com a castanha, mas não participaram deste estudo.

A ocupação de terras nas áreas rurais por estes agricultores/extrativistas está associada à veiculação de informações, por familiares e/ou amigos, sobre as possibilidades de trabalhar numa terra própria, rica em espécies alimentícias, e a expectativa de desenvolver cultivos de espécies frutíferas. Essas motivações do processo migratório até a década de 1990 são enfatizadas por Freitas (2001), que adiciona os anúncios de facilidade na aquisição de terras, de vagas no mercado de trabalho e de auxílio de governos para o deslocamento de migrantes de diversos estados do Nordeste, principalmente do Maranhão.

No total, consideramos para a análise os relatos de doze homens e uma mulher, com idades que variaram entre 26 e 71 anos e tempo de moradia de 7 a 38 anos. A maioria dos entrevistados não completou o ensino fundamental (9) e desses apenas um é analfabeto. Outro entrevistado concluiu curso superior e os demais concluíram ou estavam cursando o nível médio. No geral, seus relatos evidenciam conhecimentos das transformações no espaço social, nas áreas de florestas nativas e no extrativismo de castanha.

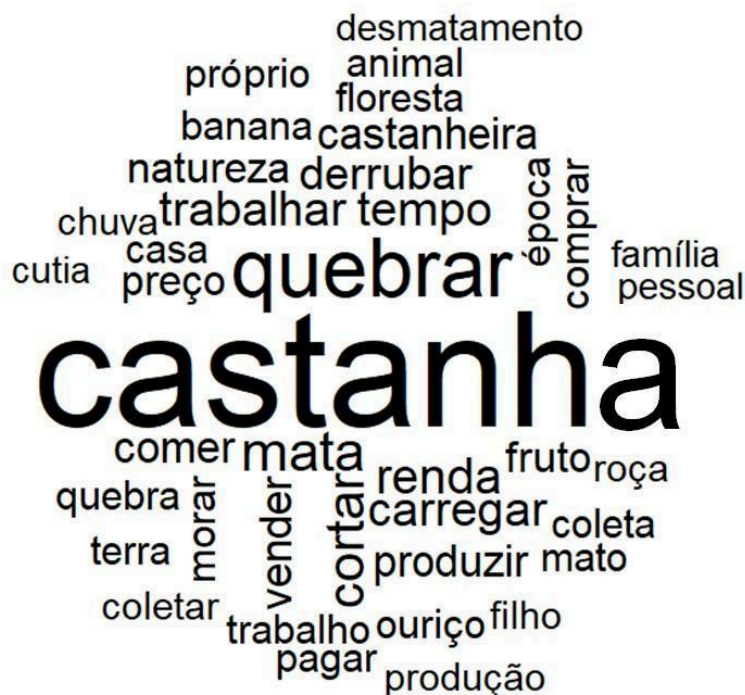
A indiscutível importância socioeconômica do extrativismo de castanha-do-Brasil para as populações tradicionais amazônicas incita reflexões sobre práticas socioculturais e mudanças ambientais, e, conseqüentemente, sobre conservação de ecossistemas florestais. Tais ecossistemas estão concentrados em municípios da região Sul de Roraima, onde vivem populações tradicionais e indígenas que fazem uso da castanha para comercialização e alimentação. Em vista de suas experiências com a atividade extrativista, os interlocutores explicaram com clareza as alterações ambientais e como estas afetaram a atividade no município de Caroebe.

Nuvem de Palavras

A comunidade tradicional de agricultores/extrativistas cultiva roças de banana como principal fonte de renda. Além disso, tem criação de animais (gado e porcos) e fazem a coleta de produtos florestais. No caso de sementes da espécie em estudo, essa é uma prática sociocultural que possui fins econômicos e alimentícios, considerada por eles como representativa para a comunidade, embora não seja a principal fonte de renda, conforme é demonstrado na Nuvem de Palavras que apresenta os conteúdos mais presentes na análise do corpus textual das análises qualitativas (Figura 3).

A Nuvem de Palavras, gerada a partir das informações relatadas durante as entrevistas, favoreceu um panorama geral dos dados, tendo sido verificado que as palavras mais evocadas foram: “Castanha” (f = 690), “Quebrar” (f = 269), “Mata” (f = 125), “Cortar” (f = 117), “Renda” (f = 91), “Trabalhar” (f = 86), “Derrubar” (f = 76), “Comer” (f = 71), “Vender” (f = 68), “Produzir” (f = 67), “Preço” (f = 60), “Fruto” (f = 58).

Figura 3 – Nuvem de palavras relacionadas à atividade extrativista de castanha no município de Caroebe, Roraima, Brasil.



Fonte: Autores (2022).

A dinâmica da vida local no tempo da chegada, revelada nas recordações individuais, comprova que a castanha sempre se fez presente no contexto doméstico desta comunidade tradicional de agricultores/extrativistas, como quando relatam sobre o uso da semente na alimentação, que é consumida “in natura”, e na produção de farinha e do óleo de castanha, utilizado na preparação de alimentos.

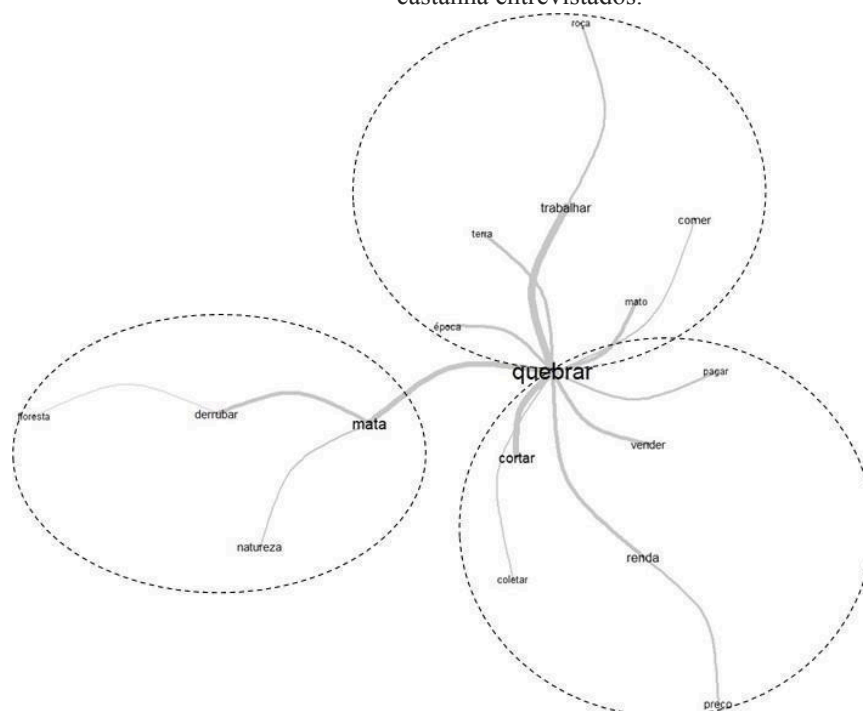
A extração de óleo de castanha para frituras de quitutes foi registrada por Machado e Kinupp (2020) entre comunidades tradicionais da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Piagaçu-Purus na Amazônia Central, numa receita do pé-de-moleque tradicional feito de farinha de castanha e mandioca, além de outros usos. Para essas comunidades não indígenas, essa espécie é economicamente importante.

Esse uso tradicional é corroborado por diversos estudiosos da domesticação de plantas alimentícias amazônicas, incluindo a *B. excelsa* (Clement et al., 2010; Shepard Junior; Ramirez, 2011; Tomas et al., 2015), que defendem a hipótese de que a característica de formação de aglomerados dessa espécie na natureza pode ter origem antropogênica, resultante de plantios feitos por povos indígenas e/ou pela regeneração natural no sistema de cultivo do tipo derruba-e-queima, praticado por indígenas no passado e no presente.

Análise de similitude

A análise de similitude mostrou, nas ocorrências textuais, indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo do corpus textual. Observou-se que há quatro palavras que se destacam nos discursos dos extrativistas: “Quebrar”; “Mata”; “Cortar” e “Trabalhar”. Como pode ser observado na figura 4, da palavra “Quebrar” se ramificam todas as outras palavras, sugerindo o ponto central do discurso que, potencialmente, pode ser avaliado em três blocos principais.

Figura 4 – Análise de similitude por blocos da conectividade entre as palavras dos discursos dos extrativistas de castanha entrevistados.



Fonte: Autores (2022).

O trabalho de “quebrar ou cortar castanha” nas áreas de matas preservadas desperta opiniões que convergem no sentido de que havia abundância de castanha no passado, isto é, no tempo da chegada em Caroebe na década de 1980, quando a localidade ainda era distrito de São João da Baliza. Naquele tempo, havia mais áreas de matas fechadas e o extrativismo ocorria em lotes que “não tinha donos”, pois não existia ainda a delimitação da terra em lotes, diferente da realidade atual. Hoje, o extrativismo de castanha e de outros produtos existentes nas áreas florestais ocorre em terrenos particulares, de amigos e de familiares. Na maioria dos casos, os lotes foram ocupados ou comprados por eles na década de 1980.

Ademais, declararam que o extrativismo de castanha realizado em lotes de terceiros ocorre mediante o pagamento de porcentagem ao dono do lote, que pode variar de 20 a 30% do total da produção de castanha, como detalhado a seguir por interlocutores da pesquisa, os quais também ressaltam as lembranças do tempo de chegada à região:

“Sou fundador de Caroebe que era distrito de São João da Baliza, aí teve como prefeitos o João Severo, Antônio Martins, acho que o primeiro foi o Tonhão Martins. A cidade, era pequenininha quando nós chegemos por aqui em 82 só tinha cinco casinhas, nós moremos dois anos em Caroebe, depois de um tempo mudemos pra vicinal 6” (JCNS, morador local há 38 anos).

“Quando eu comecei a trabalhar aqui já tava tudo marcado. Cada um já tinha a sua terra. Esse aqui é meu, isso aqui assim. Só que não tinha esse problema de entrar no lote que tem hoje. A gente entrava abertamente pra quebrar castanha. Agora, hoje, não é assim. Todos já tão cobrando. Antes, não cobrava porque não tinha nem como tirar castanha pra fora mesmo. Era maior sofrimento. Só quem tinha coragem mesmo, estava precisando que nem eu na época. Hoje, não. O cara quebra aqui numa área que nem essa daí, já tem que pagar 20, 30% pro dono da terra. Eles já cobram. Às vezes, não compensa. Quando o preço vem lá embaixo, nem compensa” (FCS, moradora local há 20 anos).

É evidenciada no relato acima a avaliação negativa do trabalho extrativista por parte da interlocutora, tendo em vista que, para ela, a execução da atividade sempre implicou dificuldades, mesmo no tempo da chegada, quando as áreas de matas eram bem mais próximas de suas moradias nas vicinais.

Tais práticas, sejam elas individuais ou coletivas, têm como princípio gerador o habitus, que, segundo Bourdieu (1994), é construído historicamente. Acrescenta-se ainda que a aprendizagem das técnicas da coleta de castanha demanda conhecimentos específicos, os quais derivam das interações dos interlocutores nas áreas florestais durante o tempo dedicado ao trabalho, assim como da concepção diferenciada de natureza e das experiências compartilhadas entre gerações dos membros da comunidade, conforme as premissas defendidas por Toledo (2015).

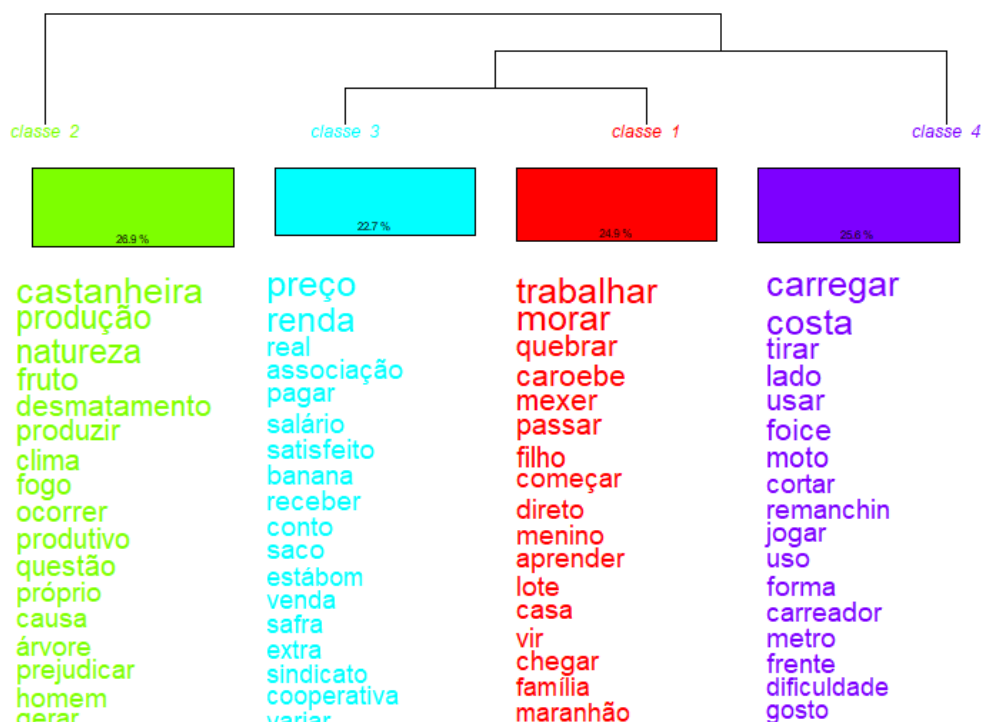
Este autor alerta que o não reconhecimento da existência de experiência e de sabedoria desses grupos tradicionais que manejam a natureza, as espécies e os ecossistemas pode explicar o fracasso da civilização industrial na busca pelo manejo adequado da natureza (Toledo, 2015).

Classificação Hierárquica Descendente

Com a finalidade de extrair informações sobre práticas socioculturais e mudanças ambientais, consideramos o corpus composto por 13 textos, separados em 1.025 segmentos de texto (ST) e com aproveitamento de 833 STs (81,27%). Desse total, emergiram 36.289 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos) com 3.219 palavras distintas.

O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes: Classe 1 – “Práticas socioculturais”, com 207 ST (24,85%); Classe 2 – “Produtividade e mudanças ambientais”, com 224 ST (26,89%); Classe 3 – “Fonte de Renda”, com 189 ST (22,69%); e Classe 4, – “Dificuldades no trabalho”, com 213 ST (25,57%), conforme apresentado na figura 5.

Figura 5 - Dendrograma com a Organização das Classes, baseada na Classificação Hierárquica Descendente (obs: tem palavras cortadas no fim da imagem)



Fonte: Autores (2022).

Classe 1 – Práticas Socioculturais: viver e trabalhar no lugar de destino

As análises das informações trazem à tona as motivações para viver e trabalhar no lugar de destino, assim como os detalhes do extrativismo no tempo da chegada na localidade e a participação de amigos e familiares na produção na produção, comprovando a ocorrência de transmissão de conhecimentos na atividade que se desenvolve em Caroebe.

“Em 88, a gente tinha uma casinha no Caroebe. Nesse mesmo ano, o noivão, meu esposo, trabalhou e comprou esse lote aqui. Eu tinha a lene, minha filha. Ela tinha 2 meses e a gente veio para cá, morar na vicinal. A minha profissão é doméstica mesmo, mas trabalhei com castanha. Naquele tempo, eu levava meus meninos. Todos os filhos iam junto com a gente, ajudavam. Todo mundo ajudava carregar, quebrar não” (FSS, moradora local há 33 anos).

“Foi assim, no começo, passei uns dez anos vindo da sede do Caroebe aqui pro lote, sem quebrar castanha. Aí, comecei a quebrar castanha, em 1996. E, em 2013, me aposentei. Mas ainda fiquei mais dois anos” (ANP, morador local há 34 anos).

“Na minha família, trabalha com castanha os meus tios, que moram na vicinal. Mas tem anos que eles quebram, tem ano que não. O meu filho tá quebrando agora. Desde o ano retrasado, que quebrou comigo. Tá com dois anos que ele quebra castanha. Ele tem vinte e seis anos de idade, mas ele sempre quis morar na cidade. Mandeí chamar ele e disse: meu filho, eu estou velho. Vem ajudar aqui, porque isso aqui é seu também, para você trabalhar na roça. Aí, que ele veio para cá” (WAF, morador local há 7 anos).

“Sobre a comercialização de produto de castanha aqui, o que eu sei é do óleo. Eu aprendi trabalhar com a castanha com um amigo meu. Ele não mora mais aqui. Estava precisando de dinheiro num tempo atrás, pois estava sem fazer nada. Aí eu disse: eu vou quebrar castanha” (Iniciais? Morador local há 34 anos).

Nessas falas, identificamos que, dentre as motivações para desenvolver a atividade, a possibilidade de ganhos financeiros é a principal, tendo sido citada por todos os interlocutores, seguida pelo prazer proporcionado com ambiente natural (31%) e por ser esse trabalho uma tradição familiar (54%).

Outro aspecto constatado foram os laços de parentesco que representam uma influência importante na decisão de deixar o local de origem e migrar com a família para viver na área rural de Roraima. Acrescenta-se a isso o apoio recebido quando da chegada ao lugar de destino, como ressaltado pela interlocutora, a qual tem a lembrança dos amigos que

com ela vieram do Nordeste, além das informações recebidas, por meio de contatos com parentes, que incentivaram essa migração para o estado.

Ela acrescentou que o lote ocupado pela sua família é o mesmo onde vive hoje, tendo sido comprado em 1988, ou seja, ela acompanhou as mudanças nesse lugar e na atividade por, pelo menos, 33 anos. Também compartilhou os desafios no tempo da chegada, que incluem a conciliação do trabalho com as atividades maternas, quando os filhos eram crianças.

Ademais, outros interlocutores afirmaram que foram motivados por parentes e/ou amigos a habitarem essa localidade, acrescentando que tinham desejo de uma vida melhor. Naquele tempo, havia a possibilidade de ocupar lotes e depois buscar a regularização deles, conforme constatado no trecho do depoimento de um interlocutor que vive em Caroebe há mais de três décadas. Além disso, foram incentivados pela riqueza existente nas áreas florestais locais, que hoje estão loteadas e onde há vegetação nativa, bem como espécies frutíferas cultivadas e exploradas comercialmente em favor do sustento familiar, o que, por conseguinte, resultaria em melhorias de vida.

“A gente veio de Imperatriz, estado do Maranhão. Viemos de lá pra cá porque lá não tinha lugar pra trabalhar e aqui tinha. Eu fiquei sabendo disso pelo meu sogro, que veio aqui porque o cunhado dele veio antes. Aí, depois, levou informação pra ele, que veio depois e trouxe nós. Lá, trabalhava, mas era pros outros. Chegamos aqui e já conseguimos a nossa terra” (ANP, morador local há 34 anos).

Acrescenta-se a esse contexto uma especificidade. As áreas florestais nativas, especialmente os castanhais e castanheiras isoladas, é que proporcionam para tais famílias caroebenses benefícios econômicos anuais e expectativas de obtenção de renda extra no futuro. No entanto, esses ecossistemas não são apenas fonte de renda, mas também espaços de sociabilidade, onde a proximidade com a natureza proporciona momentos prazerosos com amigos e familiares, e aprendizagens sobre essas espécies com seu manejo cotidiano peculiar, que produzem conhecimentos transmitidos de pais para filhos, conforme explicado pelo interlocutor:

“[...] Trabalho com quebra de castanha desde mais ou menos uns oito anos. Minha mãe me levava pro mato pra ajudar ela e estou fazendo o trabalho até agora. Aí, para onde a mãe vai, já aguentando os meninos, já vai levando para o mato, para a roça, pra trabalhar. A gente ia pra ajudar ela, né? Ela ajuntava e quebrava também. E nós ajudava a juntar, retirar e tirando dos ouriços. Era meu pai, minha mãe e os filhos. Nós éramos nove irmãos e quem

tava grande, já dava conta de andar e ir pro mato. Aí, ia levando tudo, não ficava ninguém em casa” (MSSS, morador local há 38 anos).

Classe 2 – Castanheiras: mudanças ambientais em Caroebe

As principais mudanças ambientais elencadas pelos interlocutores estão ligadas ao afastamento da mata, seja pelo desmatamento (61,5%), pela derrubada ilegal de castanheiras (30,8%), pelas queimadas da vegetação natural (38,5%) ou pela falta de chuva (7,7%) que prejudica a floração das castanheiras e, quando essas são poupadas, por ficarem isoladas em áreas de pasto ou em roças, tem sua produtividade afetada. Segundo os interlocutores, há casos de corte de árvores nativas, incluindo castanheiras, atribuído aos grandes produtores e aos fazendeiros.

“As castanheiras que ficam isoladas no meio do pasto não produzem igual aquelas que estão na mata. Elas têm diferença na produção porque necessitam também das outras plantas em si ao seu redor para colaboração do sugamento da água, da natureza. Então, também, o clima” (WNR, morador local há 16 anos).

“[...] Quando a gente começou a quebrar castanha nem saía daqui pra ir pra longe, aqui tudo tinha castanha, aqui tudo era mata, a onça passava bem aí na BR, hoje em dia não tem mais castanha por aqui por perto, a gente tem que ir pra longe [...]” (FSS, moradora local há 33 anos).

“No começo todo mundo carregava castanha. Ahh se fosse no tempo de hoje era muito engraçado para gente tirar foto por que era a gente os filhos do Quirino, tinham mais a tia Ana Lúcia que andava com a gente aí botava aquilo parecia formiguinhas no trieirinho” (FSS, moradora local há 20 anos).

A partir dos dados, observaram-se alterações na dinâmica do extrativismo local, identificadas especialmente nas falas sobre a devastação florestal, que está relacionada aos cultivos de banana, principal fonte de renda para a maioria, pois, quando a produção natural de castanha é pouca, não compensa fazer sua coleta.

“Eu tenho percebido mudança no meio ambiente, que prejudica a castanheira. Tem lugar que derruba muito, que dá fumaça. Esses pés de castanha carregam, mas passa muito tempo para carregar de novo” (AMMF, morador local há 08 anos).

De acordo com os interlocutores, na década de 1980, havia castanhais e áreas de matas mais próximas de suas casas nas vicinais, e a produtividade de castanha era significativamente

maior. Nesse tempo, o deslocamento para essas localidades era feito a pé, pois não havia como acessar os castanhais com veículos motorizados, como ocorre atualmente. Eles lamentaram ainda a destruição das áreas de matas, seja pela derrubada de árvores, ou pelas queimas que ocorrem na região:

“A gente começou a coletar castanha bem aqui no terreiro. Em 89, isso tudo era castanha. Aqui, beirando, só tinha a primeira rocinha aqui, pequena. Eu quebrei mil latas de castanha aqui. Naquele tempo, se vendia lata de castanha. Eu nunca andei numa fundiária. Aqui bem pertinho, mil e poucos metros, sempre tinha castanha de setecentos ou oitocentos metros por um lado e outro. Nunca precisou da gente ir lá na fundiária pra cortar. E, hoje, não tem nada. Derrubou a mata toda, acabou tudo. A castanha acabou. Muitos pés de castanheiras, que deixavam em pé, o fogo na mata acabou. De qualquer maneira acabou, porque todo o tempo existiu a proibição de derrubada de castanha, mas o fogo mata” (RTS, morador local há 35 anos).

Nesse tempo de moradia em Caroebe, os interlocutores acompanharam o afastamento das áreas de matas nativas dos locais de moradia em virtude da derrubada da vegetação nativa. Tais vetores do desmatamento no município da região Sul de Roraima foram comprovados por Barni et al., (2012), que alertou para futuras perdas florestais em decorrência da exploração madeireira predatória e das novas ocupações de terras que ocorrem de forma rápida e desordenada, além de aumentos futuros de fluxos migratórios.

As transformações ambientais em Caroebe são resultado, sobretudo, da devastação da vegetação nativa. Segundo os interlocutores, as principais atividades econômicas que afetam a produtividade de castanha são mediadas por pressões antrópicas do desmatamento, do corte ilegal de castanheiras e das queimadas que são realizadas por fazendeiros, os quais derrubam áreas de matas com fins lucrativos, tendo repercussões negativas no papel conformador dos recursos florestais para a atividade extrativista.

Essa devastação das áreas florestais afeta a produtividade em razão das características próprias da espécie *B. excelsa*, que tem polinização cruzada feita principalmente por abelhas dos gêneros *Bombus*, *Centris*, *Xylocopa*, *Gulaima*, *Eufrieseae* *Epicharis* (Müller et al. 1980; Maués 2002; Cavalcante et al., 2012), insetos estes que fazem a transferência de pólen entre as árvores. Os interlocutores reconhecem a importância da conservação dos ecossistemas florestais para manutenção da atividade.

Dada a distância atual dos castanhais, consequência do desmatamento da vegetação florestal, ocorreu a introdução de moto e de trator para facilitar o transporte dos sacos de

castanha. Os veículos permanecem nas proximidades das áreas de mata até o momento do carregamento de sacas de castanha, que são levadas até os compradores locais e também para outros estados que abastecem o mercado interno e externo.

“[...] Quando a gente começou a quebrar castanha nem saía daqui pra ir pra longe. Aqui, tudo tinha castanha. Aqui tudo era mata. A onça passava bem aí na BR. Hoje em dia, não tem mais castanha por aqui por perto. A gente tem que ir pra longe [...]” (FSS, moradora local há 33 anos).

As modificações das paisagens florestais nativas em Caroebe, ocorridas ao longo das últimas décadas, trouxeram impactos negativos na produtividade de castanha. No entendimento dos interlocutores, a fragmentação florestal pode trazer sérias consequências para manutenção da atividade extrativista.

Outra questão a ser enfatizada é que, à medida que ocorre a intensificação de outras atividades econômicas, como a pecuária e a agricultura em maiores extensões, as comunidades dependentes dos recursos florestais tendem a buscar outros meios de sustento para suas famílias. Acrescenta-se outro motivo para deixar a atividade, que é o envelhecimento dos extrativistas, uma vez que, ao conseguirem o benefício da aposentadoria, deixam de quebrar castanha, como pode ser observado nos depoimentos abaixo:

“[...] Além do meu pai, que também já quebrou castanha, meu irmão trabalhou uns dois três anos. Mas, hoje, ele não quebra mais. Aliás, hoje ele não precisa. O tio quebrou algum tempo, também ele não quer ir mais. Conforme o tempo vai passando, eles param de quebrar; eles não vão mais quebrar. Isso acontece porque a demanda de serviço em outras áreas, principalmente, no cultivo da banana, que tem aumentado cada vez mais. Aí, conforme vai aumentando, o produtor vai perdendo tempo pra ir no mato quebrar castanha, porque ele precisa cuidar dos afazeres, no caso a banana” (FTSS, morador há 25 anos).

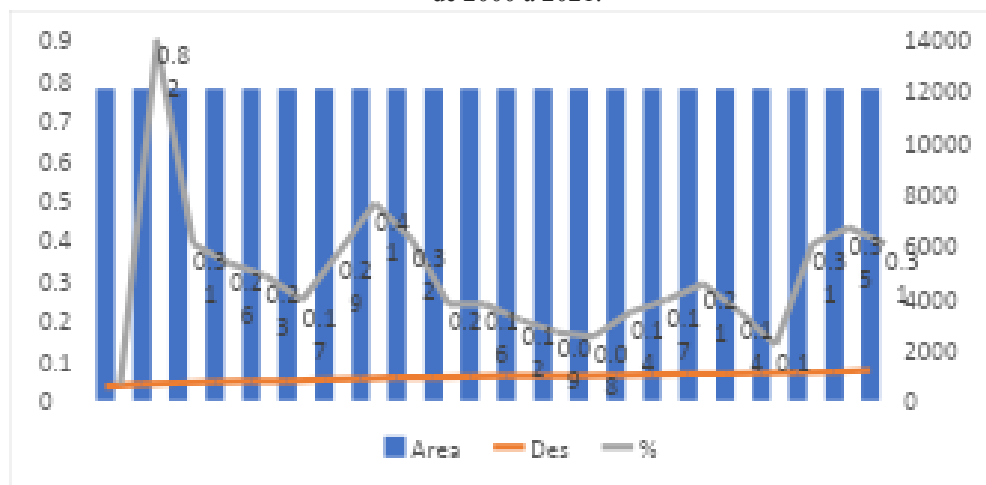
“Na família, tem meu sogro, que agora está um pouco ocupado. E porque se aposentou não está indo mais quebrar castanha. O pai se aquietou também, que ta aposentado. É porque é pesado, né? Um serviço braçal, né? Então, é muito peso. Então, a pessoa tem que ter muito preparo físico” (JCNS, morador há 38 anos).

A concentração de áreas florestais na região Sul de Roraima é um atrativo à migração para esses espaços rurais, incluindo o município de Caroebe, destino dos interlocutores. Conforme dados do Censo Demográfico de 2010, o contingente populacional de Roraima totalizou 451.227 habitantes, sendo registradas migrações de diversas regiões brasileiras

(IBGE, 2010). Além disso, nos últimos anos, foram intensificados os fluxos de imigrantes venezuelanos para Roraima.

Já nos últimos 21 anos (2000 a 2021), o desmatamento total acumulado foi de 19.695.5 km², conforme pode ser observado na figura 6 (INPE, 2021). Esses dados apontam variação nos percentuais de taxas de desmatamento nas áreas de florestas do município no período apresentado, sendo que nos últimos anos foi observada uma elevação de áreas desmatadas.

Figura 6 – Taxas de desmatamento de áreas florestais no município de Caroebe, estado de Roraima, no período de 2000 a 2021.



Fonte: INPE (2021).

Classe 3 – Fonte de renda

De acordo com as citações, todos demonstraram satisfação com a castanha e com o lugar de moradia onde cultivam, principalmente banana, têm criação de animais, desenvolvem o extrativismo de castanha e coletam outros recursos vegetais, tais como: cipós, cascas de árvores, leite e óleos para consumo próprio e para venda e/ou produção de artesanatos, vassouras por pessoas que habitam essa região de Roraima. Na verdade, é nesse local que estão concentradas áreas florestais nativas.

“Tem que ficar satisfeito com a castanha, porque o ano que dar mais a gente tem a renda melhor. Por exemplo, esse ano deu pouca. Mas estou satisfeito porque o preço está bom. Eu não participo de associação, cooperativa ou sindicato de castanha. Também não sei dizer se existe aqui” (AMF, morador local há 08 anos).

“Moram na minha casa cinco pessoas, contando comigo. Eu sou agricultor e trabalho com castanha há sete anos, em área particular. Também cultivo banana. A renda familiar é de

dois salários-mínimos. E da castanha, em média cinco mil reais por ano” (TSF, morador local há 25 anos).

“Esse atravessador é o cara que compra as castanhas. Ele vem comprar aí. Ele vem comprar por um preço aqui. Aí, chega lá, ele vai vender por outro preço. Estão no lugar da cooperativa” (JSS, morador local há 13 anos).

A coleta das sementes B. excelsa para comercialização representa, para os interlocutores, uma fonte complementar de renda. Alguns deles cedem atualmente suas terras para exploração de castanha mediante pagamento de porcentagem da produção, porque, de acordo com eles, às vezes o extrativismo não compensa, pois o trabalho é árduo e há risco de acidentes e ataques de animais.

Notadamente, novas oportunidades de ganhos financeiros em outras ocupações que proporcionem melhores ganhos financeiros, como a aposentadoria e a comercialização de espécies frutíferas, especialmente de banana, têm contribuído para a desistência do extrativismo. Isso também tem ocorrido com seringueiros no estado do Acre, visto que a expansão das áreas de pastagens de gado e de agricultura levou ao declínio do extrativismo florestal (Salisbury e Schmink, 2007). Houve ainda registros de retorno de filhos para a atividade extrativista.

Classe 4 - Dificuldades no trabalho

O extrativismo foi descrito pelos interlocutores como um trabalho árduo. Eles coletam castanhas nos períodos seco e chuvoso, num trabalho minucioso de observação das castanheiras produtivas. Além disso, enfrentam dificuldades para transportar a castanha até o ponto onde as sacas são transportadas em veículos motorizados.

“A dificuldade na coleta da castanha é que o cabra tem que transportar nas costas. Mas no começo, era só nas costas. Carregava para muito de longe, uns três mil e quatro mil metros. Meia hora de viagem, com o saco direto nas costas ou no remanchin. Agora, está melhor. A gente faz umas picadas de moto aí por dentro das matas. Aí, carrega mais na moto” (JSS, morador local há 13 anos).

“No começo, todo mundo carregava castanha. Ah, se fosse no tempo de hoje, era muito engraçado para gente tirar foto. Porque era a gente, os filhos do Quirino. Tinham mais, a tia Ana Lúcia, que andava com a gente. Aí, botava aquilo, parecia formiguinhas no trieirinho” (FCS, moradora local há 20 anos).

Muitas vezes, os interlocutores passam no mesmo local mais de uma vez, colhendo os frutos das castanheiras (ouriços) para amontoá-los em locais seguros dentro da mata, que não podem ser embaixo das castanheiras em razão dos riscos de acidentes com a queda de ouriços. Os ouriços são quebrados na mata para retirada das sementes, as quais são armazenadas em sacos de nylon e transportadas para venda. No entanto, foi compartilhado que, na década de 1980, eles não ensacavam as sementes, estas eram vendidas em latas.

Segundo os interlocutores, o trabalho com a castanha requer atenção para evitar acidentes com quedas de frutos (ouriços) e ataques de animais silvestres. Embora tenham as dificuldades relatadas, os interlocutores foram unânimes no quesito satisfação com o trabalho de quebrar castanha, pois compensa fazê-lo pela renda complementar e porque não demanda investimentos próprios, considerando que as sementes existem naturalmente nas áreas florestais.

No entanto, mesmo com a prática há algumas décadas, o extrativismo em Caroebe não avançou no sentido de sua organização. Houve a tentativa de criação de uma associação de quebradores de castanha, mas que, por discordâncias de opiniões, não se consolidou. Atualmente, há a associação de produtores rurais, da qual somente um deles participa como produtor de banana. De tal modo, o extrativismo de castanha nesse município pode ser caracterizado como um trabalho informal, o que dificulta uma análise aprofundada sobre a produção.

Sobre o aspecto da presença de homens e mulheres no extrativismo de castanha na região, apenas uma moradora participou da pesquisa, embora, em relatos de outros interlocutores, tenha sido registrada a presença de mães nas áreas de mata entre os familiares (pai, tios, irmãos e sobrinhos), realizando o trabalho especialmente no início da atividade, na década de 1980. A interlocutora desenvolveu a atividade extrativista de castanha por um período de 10 anos, logo que chegou em Caroebe. Ela deixou o trabalho por motivos de problemas na visão e pelo receio de acidentes, conforme destaca o seguinte relato:

“Hoje em dia, não quebro mais castanha. Mas é por causa da minha vista também. Já não dar mais pra mim ir pro mato. Então, eu parei e não fui mais. Agora, que não vou mesmo porque bote perigo nisso! Na hora de quebrar, e vamos supor você está colhendo a castanha embaixo, e lá e vem um ouriço e pooo! Em cima de você, já era, ave Maria!” (FSS, quebradora de castanha com 33 anos de moradia).

A realidade desses trabalhadores caroebenses destaca a necessidade de valorização do trabalho feito pelos agricultores/extrativistas, que se configura, em algumas situações, como

uma atividade de risco e insalubre, principalmente quando ocorre “à exposição a animais peçonhentos e selvagens, às condições climáticas, e à queda de ouriços” (Martello, 2018, p.32).

Considerações Finais

A presente pesquisa objetivou compreender as práticas socioculturais do extrativismo de castanha na região Sul de Roraima e a relação com as mudanças ambientais. A abordagem dessa temática pela análise contextual adotada mostrou-se adequada para delinear as mudanças ambientais nas áreas florestais, além de demonstrar como elas afetam o extrativismo de castanha nas percepções dos extrativistas.

Ao longo das últimas décadas, os interlocutores têm buscado se adequar às alterações decorrentes dos desmatamentos florestais nas áreas de coleta de castanha, que causaram o distanciamento dos locais de moradia nas vicinais. No caso do transporte da castanha, observou-se a avaliação antagônica, tendo sido enfatizado que, atualmente, há facilidade na retirada da castanha diante da introdução de veículos motorizados. Por outro lado, ressaltaram que a devastação dessas áreas afetou a produtividade das castanheiras.

Nota-se, então, a necessidade de reconhecer as práticas socioculturais dos agricultores/extrativistas de Caroebe, a fim de repensar, dentre outras coisas, o desenvolvimento para a região amazônica, além desse reconhecimento, torna-se necessária a interação desses agentes com as escalas local, regional e nacional, para que as possibilidades de desenvolver a atividade extrativista da castanha-do-Brasil sejam embasadas pela relação entre o extrativismo, o desenvolvimento econômico e a sustentabilidade.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer aos extratores de castanhas do município de Caroebe, que tornaram esta pesquisa possível.

REFERÊNCIAS

BARNI, P. E.; FEARNSIDE, P. M.; GRAÇA, P. M. L. de A. Desmatamento no sul do Estado de Roraima: padrões de distribuição em função de Projetos de Assentamento do INCRA e da

distância das principais rodovias (BR-174 e BR-210). **Acta Amazônica**, Manaus, v. 42, n. 2, p. 195–204, 2012.

BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994. p. 46-86. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Convenção sobre Diversidade Biológica**. Conferência para Adoção do Texto Acordado da CDB – Ato Final de Nairobi. Brasília, DF, 2000.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013.

CAVALCANTE, M. C.; OLIVEIRA, F.; MAUÉS, M. M.; FREITAS, B. M. Pollination requirements and the foraging behavior of potential pollinators of cultivated Brazil nut (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) trees in Central Amazon Rainforest. **Psyche**, a Journal of Entomology, Hindawi Publishing Corporation, 2012.

CLEMENT, C. R.; CRISTO-ARAÚJO, M.; D'EECKENBRUGGE, G. C.; PEREIRA, A. A.; RODRIGUES, D. P. Origem e Domesticação de Culturas Nativas da Amazônia. **Diversity**, Basel, n. 2, p. 72-106, 2010.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. Indigenous people, traditional people, and conservation in the Amazon. **Daedalus**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 315-338, Spring, 2000. (Brazil: The Burden of the Past; The Promix of the future).

FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima**. Boa Vista: Dlm, 2001.

FREITAS, C. A Prática em Bourdieu: Theory of Practice of Bourdieu. **Revista Científica FacMais**, [s. l.], v. I, n. I, 2012.

GUARIGUATA, M. R.; CRONKLETON, P.; DUCHELLE, A. E.; ZUIDEMA, P. A. Revisiting the 'cornerstone of Amazonian conservation': a socioecological assessment of Brazil nut exploitation. **Biodivers Conserv**, [s. l.], n. 26, p. 2007–2027, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de Extrativismo Vegetal e Silvicultura – PEVS**. Prod. Extr. veg. e Silvíc, Roraima, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES)**, 2021.

MACHADO, C. de C.; KINUPP, V. F. Plantas alimentícias na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus, Amazônia Central. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, n. 71, p. 2-12, 2020.

MARTELLO, E. F. Análise da rentabilidade e aspectos sociais do extrativismo de Castanha-do-Brasil no município de Cotriguaçu – MT. 2018. Monografia (Graduação) – 2º lugar no VI Prêmio Serviço Florestal Brasileiro em Estudos de Economia e Mercado Florestal, [s. l.], 2018.

MARTELETO, R. M. A cultura, o conhecimento e a informação na obra de Pierre Bourdieu. In: PIMENTA, R. M. (org.). **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 29-48.

MAUÉS, M. M. Reproductive phenology and pollination of the Brazil nut tree (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl. Lecythidaceae) in Eastern Amazonia. In: WORKSHOP ON THE CONSERVATION AND SUSTAINABLE USE OF POLLINATORS IN AGRICULTURE, WITH AN EMPHASIS ON BEES, 1998, São Paulo. **Pollinating bees: the conservation link between agriculture and nature: proceedings...** Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2002. p. 245-254.

MORI, S. A; PRANCE, G. T. Taxonomy, ecology, and economic botany of the Brazil nut (*Bertholletia excelsa* Humb. and Bonpl. Lecythidaceae). **Adv Econ Bot**, [s. l.], n. 8, p. 130–150, 1990.